A PROFECIA DA TERRA E DO UNIVERSO

“A CRIAÇÃO GEME E SOFRE DORES DE PARTO” (Rm 8,22)

Marcelo Barros*

Resumo

Faz-se cada vez mais necessário ouvir a “profecia da Terra”, prestar atenção à sua voz, entrar em comunhão com o universo. O primeiro grito da criação afirma que o ser humano não é o centro da natureza, mas faz parte da “comunidade da vida”. O universo é constituído como um todo, em expansão, como realidade relacional, num contínuo processo de criação. O texto de Rm 8,19-31 personifica a terra e o universo, ao afirmar que toda criação anseia pela libertação e vive um processo de salvação cósmica. Há uma coincidência entre os gemidos humanos e as dores de parto da natureza. O texto paulino estabelece um encadeamento entre os gemidos da terra, os gemidos da humanidade e os gemidos do Espírito. A humanidade é chamada a participar ativamente desse processo de aperfeiçoamento progressivo do universo, em vista do cuidado ecológico global.

Palavras-chave: Romanos 8,19-31. Criação. Terra. Parto.

Abstract

It becomes more and more necessary to hear the “prophecy of the earth,” to pay attention to his voice, to enter into communion with the universe. The first cry of creation states that the human being is not the center of nature, but is part of the “community of life.” The universe is constituted as a whole, in expansion, as a relational reality, in a continuous process of creation. The text of Romans 8:19-31 personifies the earth and the universe, affirming that all creation yearns for liberation and lives a process of cosmic salvation. There is a coincidence between human groans and birth pangs of nature. The Pauline text establishes a link between the moaning of the earth, the moaning of humanity and the moans of the Spirit. Humanity

* Marcelo Barros é monge beneditino, biblista e escritor. Atualmente é coordenador latino-americano da Associação de Teólogos/as do Terceiro Mundo (ASETT). Assessora as comunidades eclesiais de base e movimentos sociais. irmarcelobarros@uol.com.br

is called to actively participate in this process of progressive improvement of the universe, in view of global ecological care.

Keywords: *Romans 8:19-31. Creation. Earth. Childbirth.*

Profeta é o termo antigo para o que, atualmente, se denomina porta-voz. Para a fé judaico-cristã, profeta ou profetisa é quem fala e age em nome de Deus. Nesse sentido, só uma pessoa humana poderia ser profeta. A terra e o universo não podem ser porta-voz de ninguém. No entanto, a Bíblia fala da “voz da terra e do céu”. Os salmos dizem que “toda a terra está cheia da glória de Deus, isto é, proclama a sua presença” (Sl 33,5; 72,19; 119,64). Propõem que “a terra e o céu cantem de alegria e exultem no Senhor” (Sl 96 e 97). A Bíblia afirma que o sangue de alguém assassinado contamina a terra e a faz gritar de horror (Nm 35,33). O Livro do Apocalipse diz que a Terra veio em socorro da mulher grávida que representa a humanidade renovada. A mulher é perseguida pelo dragão. A terra devora o rio que o dragão vomitara e acolhe a mulher em seu seio por um bom tempo (Ap 12).

Esses exemplos revelam que, para a tradição bíblica, a terra tem sim uma mensagem a dar, uma profecia que podemos escutar ou não. Nenhum dos profetas bíblicos ouviu “diretamente” uma palavra divina. Eles intuem uma palavra divina nos fatos da vida e acontecimentos do mundo. Hoje, somos chamados a fazer o mesmo quando escutamos a palavra dada pela ciência e pelo que o universo nos tem dito. Precisamos ouvir a “profecia da Terra”.

De acordo com a tradição oriental, no século IV, um dia um filósofo grego quis conhecer o famoso monge Antão, abade que vivia no deserto do Egito. O filósofo queria saber de onde o abade Antão tirava toda a sua sabedoria. Antão respondeu: “O meu livro é a natureza. A terra e todos os seres criados são as páginas do livro que procuro quando quero ler a Palavra de Deus” (EVÁGRIO, 2013, p. 429).

1. O que a Terra quer nos dizer

A primeira coisa que a Terra, junto com toda a criação, nos fala e, atualmente, nos grita, é que não somos o centro e a razão de ser de tudo o que existe. Houve um tempo em que pensávamos que éramos os únicos ou os melhores. Na Bíblia, o Gênesis diz que toda a criação é boa e bela, mas o ser humano é o único ser plasmado à imagem e semelhança divina (Gn 1,28). A ciência atual relativiza essa superioridade humana. “De uma bactéria a um ser humano, a maquinaria química é essencialmente a mesma, tanto em suas estruturas como no seu funcionamento” (MONOD, 1970, p. 118). Em um congresso de espiritualidade ortodoxa, o metropolita Joannis Zizoula, representante do patriarca Bartolomeu I, de Constantinopla, afirmou: “Como seres humanos, temos muito em comum com os animais. No

interior da criação, os animais pertencem à nossa mesma família biológica, como hoje nos recorda a ciência” (ZIZOULA, 2013, p. 72).

Embora tenha uma vocação única de vida consciente, o ser humano faz parte de uma comunidade maior que a Carta da Terra chama: “a comunidade da vida”. Antigos pais da Igreja Oriental, como Gregório Nazianzeno (séc. IV) e Máximo o Confessor (séc. VI), interpretavam o poema do Gn 1 salientando dois pontos: o primeiro que o ser humano foi criado “por último”, quando todos os outros seres já tinham sido criados. O segundo ponto era que Deus fez o homem do barro da terra. Isso quer dizer que o ser humano pertence à natureza (não está acima dela) e tem com ela uma relação visceral. “A humanidade constitui um vínculo de unidade entre Deus e o mundo material, encarnando, assim, um microcosmo. O ser humano carrega dentro de si o mistério de toda criação, deve ouvir a voz da terra e referi-la a Deus, assim como atualizar para a terra a palavra amorosa de Deus” (ZIZOULA, 2013, p. 71).

A tradição oriental do cristianismo nos ensina que a terra tem uma palavra a nos dar, seja porque Deus nos fala através da terra, seja porque deu à terra certa autonomia para falar a Deus e à humanidade, como se houvesse uma comunidade entre a Terra, a humanidade e Deus. Raimon Panikkar chamava isso de “cosmoteandrismo”, essa unidade entre o cosmo (a terra), Deus e o ser humano (PANIKKAR, 1991, p. 78-102).

2. E a profecia do universo

A Cosmologia é a ciência “cujo objetivo é descrever e tornar compreensível, de acordo com as leis da física, as propriedades típicas do universo, considerado como um todo” (NOVELLO, 2006, p. 26). Ao formular essa definição, Mário Novello, cientista brasileiro, pós-doutorado em Oxford e um dos dirigentes do Instituto de Cosmologia e Relatividade Astrofísica do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas do Ministério da Ciência e da Tecnologia, explica que o universo “se identifica com a totalidade do espaço, do tempo, da matéria e da energia” (NOVELLO, 2006, p. 26).

Considerar o universo como um todo e tomar esta totalidade como objeto de ciência é algo novo. Durante séculos, esse todo era considerado como vago e inobservável. Foi o astrônomo norte-americano Edwin P. Hubble (1889-1953) que, ao deduzir a relação empírica do afastamento das galáxias, introduziu na ciência o conceito do universo em expansão. Essa foi, talvez, a maior descoberta já feita na cosmologia.

Assim, a ciência confirma: a criação não somente está incompleta, mas se realiza em um processo e esse está continuamente se acelerando. Há cem anos, a ciência se julgava dona de todos os enigmas e com resposta para tudo. Hoje, tem de ser humilde. Reconhece uma parte de desconhecido que alguns cosmólogos

não hesitam em chamar de “mistério”. Dizer que o universo contém mistérios, não quer dizer que tais elementos são de natureza incompreensível, nem que a ciência abra mão de compreendê-los. Apenas que, atualmente, não os domina.

Quando crianças ou adolescentes, líamos os livros em quadrinhos de Asterix e Obelix. Neles, os valentes guerreiros gauleses só tinham medo de uma coisa: que o céu pudesse cair sobre suas cabeças. Nós ríamos desse medo primitivo. Em 2015, um dos livros que mais causou impressão ao mundo científico foi *A queda do céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015). Nele, Davi Kopenawa, xamã Yanomami que trabalhou na FUNAI, falou em conferências internacionais na ONU, em Londres e em Paris, nos revela que o céu pode sim cair sobre nossas cabeças. Isso não ocorrerá no sentido literal de um teto que desaba, mas como consequência das mudanças climáticas e dos desmandos da sociedade dominante com a natureza. E sem desprezar as soluções técnicas e políticas (tirar os garimpeiros dos rios da Amazônia, desistir desse modelo civilizatório destruidor), o xamã mostra que o mais importante de tudo é de novo ouvir os Xapiris, espíritos das florestas, conversar com eles e fazer com que ajudem a refazer o equilíbrio perdido e garantir que não tenhamos de ver “a queda do céu”.

Ele diz isso em uma linguagem mítica. No entanto, cientistas atuais que pesquisam a Física Quântica afirmam que “a realidade material do universo (e da Terra) se manifesta como realidade relacional. O mundo não é só uma realidade concreta. É também e, sobretudo, potencialidade. Há uma interação entre seres animados e inanimados. E essa realização das potencialidades acontece em cada momento como *criação*. Assim, a realidade relacional se torna realidade concreta” (DURR, 2015, p. 74ss.).

A teologia cristã, principalmente ocidental, precisa assumir esse elemento que muitas culturas indígenas e negras sempre acreditaram. O universo tem uma voz, um espírito, e devemos nos colocar em comunhão com “o espírito da Terra e do universo”. Para nós, cristãos, esse espírito é o próprio Espírito Divino, presente nesse ato de criação contínua.

3. A gravidez da Terra e do universo (Rm 8,18-31)

No Novo Testamento, na Carta aos Romanos, Paulo quer fortalecer a esperança dos cristãos e para isso diz que o tempo presente (*kairós*) é revelador de uma esperança. Embora os exegetas repartam esse texto de formas diversas e isso é legítimo, podemos ver uma verdadeira unidade redacional que dá coerência ao texto inteiro.

3.1 Um primeiro olhar sobre o texto

Todo o texto (Rm 8,19-31) tem um estilo comum à linguagem da apocalíptica judaica na época do Novo Testamento. Nesse modo de expressar o projeto

divino no mundo, lê-se a natureza e a história como sujeitos e temas de uma revelação. Há um desvelamento de algo que não é imediatamente claro, mas é revelado às pessoas que creem: o fato de que a Terra e o universo, isso é o que a Bíblia chama de “toda criação”, anseia pela libertação e vive um processo de salvação cósmica. O texto fala da criação (o universo) como sujeito dotado da capacidade existencial de sofrer, gemer, esperar... Na Bíblia, esse modo de falar da criação como se fosse uma pessoa não é novo. Aparece em textos como o Sl 65,12-13; Is 24,4; Jr 4,28; 12,4; Sb 16,24; 19,6 e outros textos como Is 11,6-9 e textos deuterocanônicos como os salmos de Salomão.

Paulo afirma que os gemidos humanos coincidem com a dor de parto de toda a natureza. Ivoni Richter Reimer insiste na beleza desse texto e comenta: “Nosso gemer é um ‘gemido de parto’ (*stenádzio*) que coincide com a ‘redenção do nosso corpo’. É importante essa relação entre a natureza e o corpo humano” (RICHTER REIMER, 2007, p. 138-139).

De fato, esse é um dos textos mais belos, mas também mais profundos e complexos de Paulo. Primeiramente porque aborda a questão da escatologia, a esperança última da história. Houve uma época em que a escatologia parecia ser compreendida como uma espécie de projeção para um futuro ideal ou último que encerrava certo descompromisso com a história. Ao contrário, atualmente, compreendemos a escatologia como um critério para uma percepção mais crítica e exigente da história que exige um engajamento radical na tarefa de transformar este mundo.

3.2 Algumas observações sobre a construção do texto

Uma palavra-chave que percorre todo o texto é gemido (em grego *stegnamos*) ou o verbo gemer (*stenazen*). Paulo fala em *gemidos da criação* (v. 18-22), diz que esses gemidos se juntam aos gemidos dos crentes (v. 23-25) e que existe mesmo dentro de nós e no universo um constante e insistente *gemido do Espírito* (v. 26-27).

3.2.1 Os gemidos da Terra

A criação anela, deseja, anseia ser libertada da escravidão da corrupção. Em geral, a exegese concorda que o versículo 20 desse texto não é de fácil explicação e a própria tradução merece cuidados especiais. Há uma discordância sobre o sentido da palavra grega *ktisis*, em geral, traduzida por criação. A Bíblia pastoral traduz: “*a criação, entregue ao poder do nada* (o termo grego *mataiotes* corresponde ao que o Eclesiastes usa para dizer que, debaixo do sol, tudo é vaidade, coisa vazia), *não por sua própria vontade, mas por vontade daquele que a submeteu, a criação abriga a esperança de ser libertada (eleutherothésetai)...*”. A Bíblia

do Peregrino interpreta que, no texto, a polaridade é entre o *nós* (cristãos) e as *criaturas* que seriam humanas. Por isso, o sujeito da frase não é a criação e sim a humanidade. Ela traduz: “*a humanidade foi submetida ao fracasso...*” Tanto a CNBB no lema da Campanha da Fraternidade de 2017, como a *Laudato Si’* do Papa Francisco, optam por traduzir *ktisis* como toda a criação. Essa opção me parece mais coerente com a tradição bíblica. No Antigo Testamento, principalmente em Gn 3,17-18, Deus diz que, por causa da desobediência de Adão e Eva, a terra vive uma espécie de maldição. Essa realidade de “escravidão” da Terra a faz sofrer (não produzir mais espontaneamente os alimentos e sim dar espinhos).

3.2.2 Os gemidos da humanidade

Paulo une os sofrimentos e gemidos da Terra às dores e gemidos humanos. Existe um sofrimento geral, do povo e da natureza que coincide com uma expectativa da criação (*ktisis*) que aguarda ansiosamente a revelação dos filhos e filhas de Deus (8,19). Há uma intrínseca unidade entre o ser humano e todo o cosmos. O destino do universo está intimamente ligado ao destino da humanidade.

Assim como uma mãe nas dores de parto deseja o nascimento do próprio filho (imagem usada no v. 22), a Terra espera a libertação da humanidade. A criação como obra divina está sempre grávida de uma vida nova. Na linguagem bíblica, as dores de parto aparecem como expressões da espera de um mundo novo em Is 26,17; Jr 4,31; Os 13,13; Mq 4,9-10. Conforme o quarto evangelho, o próprio Jesus, na Última Ceia, diz aos discípulos: “*Quando uma mulher está para dar à luz, ela sofre porque vê chegada a sua hora. Quando a criança nasce, ela se alegra por ter colocado no mundo uma vida nova*”. Ao comparar a alegria dos discípulos e discípulas em sua vinda futura com as dores de parto, Jesus usa a mesma linguagem apocalíptica desse texto e se refere a essa esperança messiânica (Cf. Jo 16,20-23). A esperança messiânica consiste em uma “nova criação”, como Paulo expressa em vários textos (p. ex., Gl 6,15) e em gerar uma humanidade nova (cf. 2Cor 5,17). E às vezes, como já vimos até pelas dificuldades de tradução, essa criação nova e criatura humana nova se identificam. O ser humano renovado é como as primícias dessa nova criação. Paulo encerra toda a sua argumentação explicando que o Espírito Santo (a *ruah* criadora) é que intervém para ajudar nossa fraqueza e nos divinizar.

3.3.3 Os gemidos do Espírito

Já ficou claro que a humanidade tem uma vocação de ser como primícias de toda criação. O termo primícias – *aparché* – é o termo usado para as ofertas no culto em Jerusalém. Agora, diferente do seu uso religioso no templo, as primícias não são oferecidas a Deus. Ao contrário, é o próprio Deus que oferece a nós. Ele oferece o seu Espírito como penhor, garantidor da aliança, comprometido co-

nosco a tal ponto que também geme e sofre conosco e em nós (PITTA, 2014, p. 299-301). Essa visão do Espírito Divino que geme e, portanto, sofre, é nova para a Bíblia e para nós mesmos. Em geral, não se fala de um Deus que sofre em nós. Provavelmente, o mais revolucionário no texto que estamos meditando é associar os gemidos da Terra, os gemidos da humanidade e os gemidos do próprio Espírito de Deus. Nesse fato de receber o Espírito que o Pai nos dá, nós temos já uma antecipação da esperança da libertação pessoal e cósmica (v. 23).

Conforme Basílio de Cesareia, pai da Igreja do século IV, na criação primeira, o Espírito pairava sobre a Terra (como diz o Gênesis), como uma ave choca cobrindo os ovos com o seu corpo e lhe dando (a todo o universo) a sua força vital (ACHTEMEIER, 2014, p. 151-152). A criação é obra permanente do Espírito. No século II, Irineu de Lyon afirma que Deus plasmou a criação com suas duas mãos: o Verbo (Cristo) e o Espírito. Hoje, podemos dizer que na evolução do universo e na criação contínua da Terra, o Espírito chama o ser humano para se associar à obra da criação contínua e participar, assim, da imensa e incomensurável “sinfonia do universo”.

O Espírito faz isso se inserindo, assumindo os gemidos da humanidade e da criação que se tornam, então, como diz Paulo: gemidos do próprio Espírito. Na continuidade do texto, dirá que esses gemidos do Espírito tomam em nós a forma de uma oração que nos recoloca como filhos que podem chamar a Deus de “*Abba*”, paizinho.

Há quem pense que Paulo já faz alusão a um antigo ritual do batismo, no qual, ao sair do mergulho nas águas, a pessoa recém-batizada (neófito) se voltava ao Oriente e dizia como primeira palavra da sua nova vida: *Abba*. Independentemente se Paulo já conhecia esse ritual ou se ele é posterior, esse movimento do Espírito Divino em nós continua o movimento pascal ou kenótico de Jesus Cristo, como forma de missão, ou melhor, de inserção discreta e respeitosa. Hoje, podemos dizer macroecumênica. Esse projeto divino de viver em nós e de certa forma se apagar respeitando nossa autonomia e nossa liberdade não é só de Jesus. É do próprio Pai e também do Espírito Santo. “É justo falar de uma *Kenosis* do Espírito que não se expressa como a de Jesus em fazer-se homem e pequeno, mas em assumir o mais íntimo da humanidade (Ivoni Richter Reimer sublinha que é no nosso corpo. Como uma penetração corporal). Só que ele faz isso numa espécie de abaixamento, ou vamos dizer de apagamento, de amor que, sob certo ponto de vista, é mais radical que a *kenosis* de Cristo” (MARALDI, 2002, p. 220ss.). Essa *kenosis* se realiza no dar ao ser humano um coração que ama e realizar nas criaturas o trabalho de parto de uma criação renovada.

4. Conclusões para nós no cuidado ecológico

É claro que a ciência não fala de escatologia no sentido bíblico, mas tem uma dimensão de abertura ao futuro utópico quando afirma um aperfeiçoamento

progressivo do universo. Já nos anos de 1950, Teilhard de Chardin ensinava que há um movimento da Terra em direção à vida e da vida para o espírito humano (a *noosfera*) e esse movimento converge para o Cristo como Ponto Ômega da criação como obra do Espírito.

Isso concretamente nos leva a unir cada vez mais a ecologia ambiental e cósmica a uma profunda ecologia social que trate da justiça e libertação. A pobreza injusta e a miséria que se propaga pelo mundo nos tornam a todos menos humanos. É antiecológica não somente porque, ao oprimir a população empobrecida, contribui com a poluição das águas e da terra e a destruição dos recursos naturais, mas porque fere a própria unidade cósmica que vivemos com a natureza.

Esse texto central da Carta aos Romanos nos confirma que essa missão ecológica e cósmica do ser humano e, principalmente, dos cristãos, não é apenas um trabalho pastoral que hoje é importante e urgente. Nem mesmo se pode dizer que é uma consequência da nossa fé. Esse cuidado da unidade cósmica (*cosmoteândrica*, como dizia Panikkar) é elemento central da nossa fé e da espiritualidade ecumênica. O cuidado com a criação faz parte essencial do compromisso das igrejas e de cada um de nós com os pobres e, assim como esse, é muito mais do que uma opção preferencial: é um imperativo da fé. Nesse trabalho, contamos com o Espírito de Deus em nós para nos animar e orientar nessa luta.

Por todo o nosso continente, ocorre o que, em outro contexto, escreveu Elizabeth Johnson: “Uma vez que o Espírito é o criador e o doador da vida, a própria vida em si, com todas as suas implicações, com sua riqueza, perigos, mistérios e alegrias, torna-se mediação básica da dialética da presença e da ausência do mistério divino. O mundo da história se torna sacramento da presença e da atividade divina” (JOHNSON, 1995, p. 187-188).

O Padre Comblin deixa claro: “O Novo Testamento distingue a vinda do Espírito e a plenitude do Reino de Deus. O Espírito Santo é dado para esse tempo de luta e perseguições enquanto ainda não chegar o reino final” (COMBLIN, 1987, p. 78).

Podemos continuar essa reflexão concluindo que o Espírito Santo que nos é dado se expressa na profecia da Terra e do universo. Essa profecia, expressa como gemido cósmico da Terra e do universo, unido ao gemido erótico (corporal), sociopolítico da humanidade, se torna o que o texto chama: os gemidos inefáveis (*kenóticos*) do Espírito em nós e no mundo.

Ao falar nesse texto em dores de parto da Terra e da criação consciente, Rm 8 autoriza a nos unirmos aos índios andinos e a todas as tradições que veneram a Terra como *Pacha Mama*, a Mãe Terra. Ela sofre por nós como uma mãe pelo filho que gerou. É nesse movimento pascal do Espírito que podemos cantar com as comunidades de base o refrão inspirado no salmo: “Quando, Tu, ó Amor, teu Espírito envias, todo o universo renasce, é grande a alegria” (cf. Sl 104,30).

Marcelo Barros

Referências bibliográficas

- ACHTEMEIER, Paul J. *Romans*. Atlanta: John Knox Press, 1985. Tradução italiana: Torino: Claudiana, 2014.
- COMBLIN, José. *O Espírito e a libertação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- DURR, Hans-Peter. *Anche la Scienza parla soltanto per metafore* (La nuova relazione tra Religione e Scienza). Verona: Gabrielli Editori, 2015.
- EVÁGRIO, O PÔNTICO, *Tratado práctico 92*, citado por MICHEL VAN PARYS. *Conclusiones*. In: BIANCHI, Enzo et al. *L'uomo, custode del Creato*. Magnano: Qiqajon, 2013.
- JOHNSON, Elizabeth. *Aquela que é* (O mistério de Deus no trabalho teológico feminino). Petrópolis: Vozes, 1995.
- KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. *A queda do céu, Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MARALDI, Valentino. *Lo Spirito Creatore e la novità del Cosmo*. Milano: Paoline, 2002.
- MONOD, Jacques. *Le Hasard et la Nécessité*. Paris: Seuil, 1970.
- NOVELLO, Mário. *O que é cosmologia? A revolução do pensamento cosmológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PANIKKAR, Raimon. La visió cosmoteàndrica: el sentit religiós emergent del tercer millenari. In: *Qüestions de Vida Cristiana*, n. 156, 1991, p. 78-102. Depois ele formulou no livro: *Cosmotheandric Experience*, New York, 1993.
- PITTA, Antonio. *Lettera ai Romani*. Milano: Paoline, 4. ed., 2014.
- RICHTER REIMER, Ivoni. Bíblia e criação. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Curso de Verão, ano XX: Ecologia: cuidar da vida e da integridade da criação*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 138-139.
- ZIZOULA, Ioannis. *Sacerdoti della creazione*. In: BIANCHI, Enzo et al. *L'uomo, custode del Creato*. Magnano: Qiqajon, 2013.